

Iya Oba, Rainha:

Adolô, oba reinante neste período

Idugbowa, (Idu) que ao assumir a condição de obá, tomou o nome de Ovonramwen ou OVERAMI - *edaiquem*, nome usado pelo pai e a mãe, significando filho herdeiro,

Obarô, irmão mais moço de Ovonramwen e Líder do grupo de rapazes

Kotoú, artista, futuro mestre de metais

Ovaitiocum, pai de Kotoú - mestre dos metais, o *iguneronmwan*

Kpadonú, pupilo de Obarô

Emotan, *ogwega*, sacerdotisa

Cranfield, Henry Charles, pregador inglês, espécie de agente de inteligência britânico sem saber;

Obayemí, *um dos uzamas* - membro do Conselho e chefe da cidade de Benim

Abiolá, o *enogie*, chefe interiorano de Ughoton, porto marítimo de Benim

Eyô Akpô, general comandante do Exército de Benim

Olosegum, personagem da corte que faz as trapas em nome (ou supostamente) do rei.

Obasanjô, outro intermediário de negócios

Capitão-de-fragata Harry Levingston Sauer - espião inglês que traz armas modernas de presente para o obá, junta

Azaiguen (apenas figurante) uma prostituta de Obasanjô em Ughoton

Skidmore, (apenas figurante) um comerciante inglês em Ughoton

Agahowa, filha de um comerciante rico dos íbos, que estava em visita à cidade, namora o obá.

Odumegwu Ojukwu, comerciante Ibo.

Egharevba (disponível)

Ikme (disponível)

Adú, filho do general Eyô Akpô, religioso e homossexual

Ogundelê - Tesoureiro do rei

Azonyê, auxiliar de Emotan, nova sacerdotisa

Parte um

Quatro paredes de madeira. E era um castelo. A fortificação onde quatro amigos, que um dia o destino viria a irremediavelmente separar, protegiam, de forma inexpugnável, seu mundo de fantasia daquele de seus mais velhos. Obarô, o líder, fora autor da idéia e construtor-chefe do fortim. Kpadonu, mais novo um pouco que Obarô, era seu pupilo. Imitava o mentor em tudo o que aquele fazia. Kotoú, brincalhão, alma aberta, vidente, seus olhos perscrutavam o insondável para seus pequenos companheiros, e suas mãos tinham a incontrolável habilidade de gerar vida. Riscava paredes e imagens se impulsionavam em movimento. Empunhava um canivete e ao agredir nacos de madeira, fazia deles surgir pessoas, animais e coisas. Torcia o ferro e lá estava mais do que uma espada, uma arma, ali se materializava um ser — uma cabeça, um torço animal, um pequeno altar. E Idugbowa, predileto de Emotan, *ogwega*, sacerdotisa, mas sobretudo, o irmão mais velho de Obarô, e por uma razão de sucessão nobiliárquica, o futuro rei de Benim. O fato é que, naquele momento — todos jovens, se preparando para o ritual de iniciação, quando se iriam transformar de adolescentes em homens — não atentavam para a questão política maior, preocupação da entourage real, da iminente dominação da Inglaterra por sobre o seu país — o império de Benim. O fato político que se avizinhava iria atingir, em cheio o mundo de Idugbowa, imensamente mais do que aos demais.

A razão de ser do castelo, naturalmente, era reproduzir uma constante na vida de seu povo: a guerra. Lutavam por hegemonia geopolítica, e aquisição ou manutenção de mercado. Geravam guerras para a conquista de escravos, trocados estes por armas, mantimentos e confortos da realeza. Além do mais, disputavam diferenças atávicas.

Outrora, em verdade uns poucos anos antes, brincavam de cavalaria. Eram improvisados galhos de árvores, que recebiam numa extremidade, o talento artístico de Kotoú, transformavam-se em garbosos animais, que eram gineteados, freneticamente, quando em batalha; ou elegantemente, com o ritmo natural de seus corpos africanos, simulando alguma parada real.

Agora, os cavalos eram vistos com outros olhos: músculos retesados que se expandiam e contraíam, articulações que se flexionavam dando dinâmica sintonia às pernas e patas, pelos lustrosos, mostrando a plasticidade daquela obra prima do reino animal, nas carreiras de manhas frescas, em meio a trilhas sob bosques, no altiplano, fora dos limites do palácio real. Eram dentes, que às vezes mordiam quem os perturbava, mas que, comumente, constituíam-se em porta aberta para algo doce ou vegetal, servido por uma mão amiga, como a de Obarô ou de Idugbowa. Os cavalos da estribaria real eram de origem árabe, fruto de um intrincado comércio que envolvia mouros da península Ibérica, traficantes de escravos e compradores desses, especialmente no Brasil. Benim era mais um repositório de artes, religião e comércio. Mas tinha como seu vizinho Oió hordas de cavaleriços que podiam se tornar em terror regional, especialmente para povos do Daomé e outras pequenas nações-Estado vizinhos, que tinham de se valer da infantaria, até porque viviam em terras baixas, num cinturão geográfico infestado pelas moscas, inclusive a do sono — tsé-tsé. Os cavalos, aí, eram presas fáceis desses insetos mortais, que dizimavam pela indolência doentia humanos, muares e bovinos — atrasando mesmo a chegada da roda, com meio de transporte.

Assim, se não estivessem no forte, reclusos de certo modo, impedidos de brincar com outros meninos de mesma idade, mas plebeus, podiam ser vistos próximos aos cavalos, em verdadeiras excursões ao haras real ou as estrebarias do Exército. Idugbowa já sabia que, passado o ritual de iniciação, iria ganhar de seu pai um imponente cavalo. O irmão teria o seu mas somente um ano após, mesmo que se tornando homem na mesma cerimônia, havia um degrau de idade que os diferenciava, na intrincada cultura. Mas tinha certeza que pressionando o irmão conseguiria, também, ele, ter no cavalo que Idugbowa iria ganhar, uma espécie de sua própria montaria. Brincava, sem aborrecer o irmão mais velho, com seus amigos, apontando aleatoriamente qual haveria de ser o seu cavalo. Pensava, o mesmo Obarô, com certa inquietude, quando enfrentaria o jogo de perder e ganhar: perder a fimose e aspirar por sua primeira virgem e caronear na montaria do irmão, até ter o seu próprio — exatamente nessa ordem de importância. Idugbowa, por seu turno, tinha a tranqüila certeza de que essas coisas estavam a esperar-lhe, no devido tempo.

Os cavalos, seu odor característico, sua sociabilidade, sua capacidade de fazer as pessoas deslocarem-se em velocidades além da assegurada por suas limitadas pernas, eram deuses no imaginário de Idugbowa, apenas isso não externava. Deuses como aqueles que Emotan ensinara-o a respeitar. Era, assim, destino, registro sagrado no livro de ocorrências da vida daquele menino-real — no futuro expatriado nobre — o amor pelos equinos, mormente os elegantes, fortes e garbosos cavalos árabes, e uma força imanente que o levaria a ajudar seus semelhantes e por eles ser admirado, mesmo muito tempo após morrer em seu exílio, na sua África, mas longe de seu Benim..

Obarô queria ser o rei. Considerava-se possuidor de todas as características necessárias para sentar no trono real. Sabia liderar e era obedecido espontaneamente, sem imposição. As ações bélicas de sua nação eram por ele conhecidas em todos os detalhes. Guardava, como repositório da história guerreira de Benim, uma excelente coleção de pequenas imagens em bronze e madeira, feitas por artesãos reais. Procurava estar próximo, sempre que possível, dos maiores do exército real, que aceitavam sua presença numa condescendência à sua origem real. Era o

segundo na linha sucessória